

A DANÇA DA LEVEZA EM MARCELINO FREIRE

*Natalia Guerra Brisola Gomes-Godoi**

*Luciana Brito***

RESUMO: No livro *Seis propostas para o próximo milênio* (1988), encontramos as características literárias que, segundo Italo Calvino, persistiriam em meio a todas as mudanças de visão e comportamento que poderiam acontecer a partir dos anos 2000. Entre elas está a leveza, elemento responsável por combater o peso do viver. À primeira vista, ela parece se opor à descrição da literatura brasileira contemporânea: forte, densa, violenta. O presente trabalho pretende demonstrar, contudo, que pontos de leveza podem se revelar em nossa produção literária, usando como ilustração o conto “Balé” (2003) de Marcelino Freire, no qual vemos certo diálogo com o romance *O barão nas árvores* (1957) do próprio Calvino.

PALAVRAS-CHAVE: Balé; Calvino; Freire; Leveza.

Leveza e distanciamento

Convidado a ministrar uma série de palestras na Universidade de Harvard (EUA), em 1985, Italo Calvino decidiu discorrer sobre qualidades que, em sua opinião, destacariam a particularidade e a importância da literatura mesmo em meio aos avanços da tecnologia e

* Doutoranda em Estudos Literários na Universidade Estadual de Londrina (UEL) e bolsista da Capes. Mestra em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

** Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Diretora do Centro de Letras, Comunicação e Artes da Universidade Estadual do Norte do Paraná (Uenp), membro da Comissão de Iniciação Científica da Uenp e coordenadora de dois Grupos de Pesquisa com registro no CNPQ. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

dos meios de comunicação, que tendiam a se intensificar nos anos vindouros. A persistência dessa arte no futuro próximo foi problematizada por muitos estudiosos no momento, mas não era algo que o literato italiano questionava: para ele, mais interessava pensar nas razões que faziam da literatura uma necessidade inquestionável aos seres humanos. As seis características literárias que protagonizaram sua reflexão foram leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência, escolhidas dentre outras possíveis por terem uma presença marcante na trajetória de Calvino enquanto leitor e escritor.

A leveza, lição de abertura do conjunto publicado em *Seis propostas para o próximo milênio* (*Lezione americane: sei proposte per il prossimo millennio*, 1988), foi apontada por Calvino (2012, p. 15) como uma constante em sua produção literária, principalmente no que diz respeito à estrutura e à linguagem das narrativas. Por meio dela, seria possível realizar dois pontos fundamentais da literatura, a crítica social e a beleza, entre os quais o autor sempre buscou equilibrar seu estilo pessoal de escrita. A oposição que a leveza fazia à gravidade dos conflitos individuais e coletivos poderia se manifestar de diversas maneiras na literatura, algumas das quais comentadas por Calvino ao longo da palestra e exemplificadas com trechos e menções a obras de Lucrécio, Ovídio, Guido Cavalcanti, Shakespeare, Henry James e outros grandes nomes. O que definiria tais procedimentos como artifícios da leveza seria o efeito em comum capaz de causarem no leitor: ao dissolverem a densidade dos temas abordados, amenizariam os sentimentos de desamparo e desesperança que a leitura poderia suscitar e inspirariam o sujeito a ver de forma menos intimidadora a situação representada.

Uma das formas apresentadas por Calvino (2012, p. 28) para se gerar leveza é “um despojamento da linguagem por meio do qual os significados são canalizados por um tecido verbal quase imponderável até assumirem essa mesma rarefeita consistência”. As palavras não se submeteriam a uma relação imediata com a realidade concreta, resultando numa atmosfera de devaneio. Nela, questões complexas e angustiantes seriam metaforizadas em imagens de abstração e movimento. Calvino (2012, p. 24-25) usou os versos de Cavalcanti como exemplificação, pois neles as personagens eram, muitas vezes, incorpóreas como

suspiros, raios luminosos, a pena usada para escrever ou o próprio poema. Por não ser definitiva, a representação aceitaria, inclusive, mais de uma metáfora para abordar um único assunto, num dinamismo que transferiria o protagonismo do significado para suas várias imagens representativas, invertendo a hierarquia da linguagem utilitária. Calvino (2012, p. 27) manteve o mesmo poeta como modelo: “Em Cavalcanti, tudo se move tão rapidamente que não podemos nos dar conta de sua consistência mas apenas de seus efeitos”.

Outra maneira de se proporcionar leveza a um texto seria o uso de imagens figurativas diretamente relacionadas à ausência de peso e à elevação física: animais e artefatos voadores, objetos flutuantes, saltos ou escaladas. A atuação de elementos como esses na produção literária dependeria do valor emblemático que possuísem. Para demonstrá-lo, Calvino (2012, p. 23-24) evocou um episódio de *Decamerão*, de Boccaccio, em que o poeta desvencilha-se da provocação de alguns cavaleiros dando um salto imprevisto enquanto proferia uma resposta perspicaz. Outro exemplo, agora em Cervantes, seria a clássica passagem em que Dom Quixote é projetado no ar ao atacar um moinho de vento – em vez de derrotá-lo, sua inimiga, a realidade, representada pela pá do moinho, o impulsiona ainda mais. Cenas como essas dialogam com o imaginário popular: desde os tapetes e cavalos voadores de *As mil e uma noites*, passando pelas vassouras e espigas de milho que transportavam as bruxas na época da Inquisição e chegando aos heróis camponeses dos contos populares que subiam nas costas de gigantes ou escalavam plantas até o céu. O que Calvino (2012, p. 40) notou foi um “nexo entre a levitação desejada e a privação sofrida”, sendo que tais imagens figurativas exerceriam uma força terapêutica sobre as pessoas em épocas de dificuldade.

Na lição elaborada por Italo Calvino são destacadas ainda outras abordagens literárias da leveza, a fim de provar que seu uso depende do estilo de linguagem de cada autor e não de uma fórmula pré-definida. É também esclarecido que nem toda literatura é leve, revelando algumas de suas virtudes justamente no peso que imprimem às palavras. Para demonstrá-lo, evoca-se Dante Alighieri, que, apesar de gerar leveza em alguns textos, evidenciaria sua genialidade naqueles em que sugeriria consistência, estabilidade e exatidão

(CALVINO, 2012, p. 27). Em suas metáforas, Dante transformaria as ideias mais abstratas em objetos corpóreos. A palestra não assume o encargo de defender uma suposta superioridade da leveza sobre o peso; pelo contrário, afirma que tais opostos podem se complementar: “não podemos admirar a leveza da linguagem se não soubermos admirar igualmente a linguagem dotada de peso” (CALVINO, 2012, p. 27).

Cabe ainda dizer que o uso da leveza não se restringe a determinadas correntes filosóficas ou posicionamentos políticos, algo que Calvino (2012, p. 39) demonstra ao comparar ideias e trabalhos de dois escritores romanos, Lucrecio e Ovídio. O primeiro teria se identificado com o epicurismo, entendendo que a felicidade pertencia ao plano físico e, por essa razão, não se deixando intimidar pelo destino e pela morte. Em seus textos, o concreto se torna um conceito leve por conta da atenção dada aos átomos e suas infinitas possibilidades de combinações, trocando a fixidez de aspecto e papel de uma matéria pela liberdade possuída pelas partículas que a formam. As transformações também são marcas da escrita de Ovídio, mas de maneira bastante diversa, acompanhando a ideia pitagórica de que a existência da alma não depende de seu receptáculo, podendo ainda habitar muitos outros corpos, de variadas espécies. Em sua literatura, as metamorfoses possuiriam um ar de magia, tal como a intrigante circulação da substância essencial em meio a tantas matérias.

Qualquer que fosse a linha filosófica ou crítica adotada, a literatura exerceria uma função existencial ao reagir ao “peso do viver” (CALVINO, 2012, p. 39). Apesar de reconhecer haver uma maneira frívola de se criar um texto leve, Calvino (2012, p. 22) deixou claro que sua palestra se referia a algo totalmente diferente, a “leveza de pensamento”. Esta exerceria constantemente um enfrentamento dos fardos humanos e, por conta disso, suas intenções jamais poderiam ser confundidas com uma evasão da realidade. Com objetivo bem definido, essa leveza estaria “associada à precisão e à determinação, nunca ao que é vago ou aleatório” (CALVINO, 2012, p. 28), declarando sem medo aquilo a que se oporia: os problemas não deixariam de ser retratados e identificáveis pelo leitor, mas o pesadume seria transformado em algo fresco e revigorante por meio do humor, da pluralidade de

metáforas ou das imagens emblemáticas. Ela poderia ser reconhecida por sua agilidade, sua luminosidade e o impulso que daria não apenas à reflexão, mas à ação do indivíduo.

Ao pensarmos em nossa produção nacional recente, não há dúvidas de que denúncias e anseios de mudança também estejam presentes nela, mas ainda assim é difícil imaginarmos, num primeiro momento, que haja espaço para a leveza em uma literatura conhecida por representar a realidade de maneira tão direta e concreta. A linguagem que se aproxima da oralidade, a retratação da miséria e da violência e a generalização do sujeito, que representa toda uma camada social, tão característicos da escrita brasileira contemporânea, geralmente são relacionadas ao peso por conta da sensação de desconforto que proporcionam ao leitor. Ainda assim, há nela um traço que permite a identificação com a leveza em algumas obras: o distanciamento de visão suficiente para analisar seu objeto com mais clareza sem, contudo, desligar-se dele por completo. Tal afastamento se dá por meio de metáforas, humor, silêncios, artifícios que amenizam o choque da representação de conflitos, desigualdades e injustiças nos textos literários sem, com isso, negar a existência desses problemas e a necessidade urgente de encontrar soluções para eles.

O insólito é um elemento literário relacionado ao distanciamento da realidade em maior ou menor nível, de acordo com suas manifestações. O maravilhoso, categoria mais antiga, ambientava-se num universo independente, cujas leis internas diferiam-se das de nosso mundo e aceitavam sem resistência impossibilidades como objetos mágicos e feitiçarias. Já o fantástico teria sua força em certo grau de realismo, que conduziria o leitor a identificar-se com a situação e envolver-se com o suspense criado. Uma categoria mais recente, observada na literatura brasileira desde meados do século XX em autores como Murilo Rubião, é o “insólito banalizado”, pesquisada e assim denominada pelo professor Flavio García e demais pesquisadores da Uerj, que publicaram o livro *A banalização do insólito* (2007). Ela abrangeria o maravilhoso, o fantástico e outras classificações, como o absurdo e o estranho, adaptando-os a nosso contexto. Nela se apresentam a representação de um aspecto da realidade e um fato ou objeto que desafia o curso natural, mas não há sinais de

assombro ou surpresa na voz narrativa ou nos personagens: após uma fascinação superficial e efêmera, ocorre um simples acolhimento da peça mágica. A aceitação passiva de algo que pode, em alguns casos, até mesmo metaforizar um problema social, provoca uma exasperação no leitor, que é conduzido a uma reflexão sobre sua própria relação com os fardos da vida.

Outro elemento que provoca certo afastamento mantendo a criticidade é o humor. Quando se trata da leveza, Calvino (2012, p. 32) o restringe a um tipo de riso, o da ironia melancólica. Memorável nas obras de Cervantes e Shakespeare, seria a observação de um episódio sob vários ângulos, identificando nuances de humores e sensações e gerando o riso do personagem envolvido no próprio drama. A melancolia, tristeza amenizada, continuaria sendo a ligação sentimental com a situação negativa, dispensando a necessidade de uma ruptura completa para se realizar essa análise crítica. Na literatura brasileira contemporânea, um aspecto que se aproxima desse tipo de humor é a ironia sutil de que fala Beatriz Resende em “A literatura brasileira na era da multiplicidade”. Seu nascimento teria se dado em uma atualização do gênero trágico, que descartou passado e futuro para garantir a presentificação nas narrativas. Dessa forma, cria-se a sensação de permanência do estado das coisas, que se desenvolve até uma ideia de fatalidade perante um destino trágico. Apesar de inevitável, a sentença não deixa de ser problematizada pelo personagem, que luta e busca explicações. Seria possível notar essa ironia em Bernardo Carvalho, Sérgio Sant’Anna e Luiz Ruffato, sendo deste o romance *Eles eram muitos cavalos* (2001), no qual a pesquisadora destaca pontos que podemos dialogar com a leveza:

No cenário da cidade, o paradoxo trágico se constrói entre *a busca de alguma forma de esperança* e a inexorabilidade trágica da vida cotidiana que segue em convívio tão próximo com a morte.

Mas cabe ressaltar que é o fragmentário da narrativa, acompanhado por certo humor e ironia sutis, que impede que a obra se transforme puramente no relato do mundo cão. A narrativa entrecortada evita a catarse como consequência, propondo em seu lugar a *crítica*, numa espécie de distanciamento brechtiano [...] *que comove, mas não ilude* (RESENDE, 2008, p. 31, grifos nossos).

Eles eram muitos cavalos e tantas outras ficções contemporâneas são conhecidas por representarem o urbano, tema tratado por Flora Süssekind nos textos “Ficção 80: dobradiças e vitrines” e “Desterritorialização e forma literária - Literatura brasileira contemporânea e experiência urbana”. Mesmo se tratando de análises menos recentes, focadas em produções das décadas de 1980 e 1990, se mantém atual o efeito de distanciamento atingido pela impessoalidade do narrador e pelo uso de recortes e pastiches. A omissão de um intermediário entre a narrativa e o leitor pode, sim, criar uma aproximação intensa durante a leitura, mas em outros casos resulta em algo oposto, uma objetividade que gera estranhamento e distância. Vendo a reprodução de fatos tão semelhantes aos de sua realidade, o leitor percebe-se em outro papel, o de espectador que não recebe o convite para se envolver com a história.

Esse jogo de aproximação e afastamento também ocorreria nas ficções que utilizam fotografias para ilustrar e imprimir um ar documental à narrativa e dispõem em certa medida de informações de acontecimentos verídicos. Em vez de inserir o leitor no ambiente a ele apresentado, Süssekind (2005, p. 63) afirmou que o resultado seria o contrário, afastando a história da realidade urbana, visto que a imagem estática apenas reforçaria contrastes já naturalizados no cotidiano, como as diferenças entre as camadas sociais. As representações se tornariam “vitrines”, por serem extremamente fiéis a aspectos da realidade, mas fazerem com que o leitor não se sentisse inserido na história (SÜSSEKIND, 1993, p. 240). Um romance recente que parece atualizar esse conceito é *O menino que se trançou na geladeira* (2004), de Fernando Bonassi. Nele, o abandono, a falta de oportunidades, a injustiça e a insensibilidade fazem com que a criança protagonista decida viver dentro de uma geladeira. Antes disso, porém, o menino faz várias adaptações em seu abrigo, inclusive trocando a porta original por uma de vidro. Assim, criou uma barreira suficiente para proteger-se das ameaças do mundo e dos sofrimentos que o acompanharam até então, mas não abriu mão de continuar observando e interagindo com o exterior.

Por mais que possuam diferenças entre si, o insólito, a ironia, a impessoalidade do narrador e as vitrines criadas pela metamídia podem partilhar do método do distanciamento

para impulsionar o leitor à criticidade. Dessa forma, assemelham-se à leveza apresentada por Italo Calvino, que não se define por fórmulas fixas, mas pela função existencial de combater o pesadume de alguma maneira. É possível, porém, identificarmos um diálogo muito mais claro com a leveza ao nos determos no conto “Balé” (2003), de Marcelino Freire. Nele, até mesmo as formas de manifestação descritas na lição calviniana podem ser observadas.

Meninos que levitam

Sendo um dos nomes de maior destaque da literatura contemporânea brasileira, Marcelino Freire é conhecido por seus escritos breves e sonoros, carregados de marcas de oralidade e agressividade. Sua linguagem é ritmada e repleta de diálogos rápidos, rimas e ironia. Tudo isso coopera com o teor impactante e realista dos contos, que tematizam a prostituição, a pedofilia, a homossexualidade, as desigualdades sociais e os preconceitos. Conforme a estudiosa Sandrielle Rocha (2015, p. 27) comenta em sua dissertação *Narrativa e encenação: um estudo sobre diálogos e monólogos em contos de Marcelino Freire*, o autor pernambucano retrataria a vida dos marginalizados a fim de problematizar as condições que foram determinantes sobre seus destinos, mas em momento algum teria a intenção de defendê-los. Tais pessoas não precisariam de alguém para lhes dar voz, pois teriam a força necessária para falar por si mesmas. Por essa razão, os personagens de Freire seriam muito expressivos e determinados, seres inconformados “que desejam se vingar de algo que está errado” (ROCHA, 2015, p. 26).

Em *Balé* (2003), reunião de 18 improvisos do autor, confirma e reforça o estilo literário que já se conhecia em seus trabalhos anteriores. Como o próprio título sugere, os textos são repletos de sonoridade e ideias contrastantes – sonhos e realidade, arte e trabalho, delicadeza e brutalidade etc. A sexualidade surge em alguns momentos para subjugar e em outros para libertar, mas está sempre a ser um elemento determinante da vida dos sujeitos. A insatisfação com a situação em que se encontram é outro constante no livro,

motivando os personagens a revelarem suas ambições, traçarem planos para alcançar uma mudança e refletirem sobre como a vida os levou até onde estão.

“Balé” é o conto que se destaca dos demais na sensação que causa ao leitor. Nele um narrador-personagem comenta de forma negativa os hábitos peculiares de um menino que se recusa a assumir os papéis a ele impostos pela vida, de trabalhar no cultivo da terra, ser submisso à família e religioso. A vocação que acredita ter é de ser bailarino e a esperança de que um dia suas aspirações possam, de fato, se concretizarem é mantida até o final, ainda que imaginemos a série de obstáculos que precisariam ser superados antes disso. Enquanto a crítica social é carregada de pesadume e desalento nas demais histórias, em “Balé” é acompanhada pela beleza de um sonho infantil e do anseio pela arte. A leveza dessa narrativa ganha ainda mais brilho estando em meio ao peso dos outros contos, dinâmica de completude de que já falava Italo Calvino (2012, p. 27).

O que fazia o menino se diferenciar das pessoas à sua volta e também inspirava nele o desejo de sair de sua terra e tornar-se ainda mais diferente daquilo que, por nascimento, deveria ser era a dança. Também presente nos títulos do conto e do livro, ela gera a ideia de movimento, saltos, voos, ações que se relacionam muito bem com o conceito da leveza. A epígrafe de *BaléRalé* é uma frase do bailarino russo Nijinski, “Minha dança/ é a da vida contra a morte”, que também pode facilmente se identificar com o leve da arte e seu poder de enfrentar algo tão ameaçador quanto o destino. Não nos esqueçamos ainda da música, companheira da dança, presente nos “improvisos” escritos por Marcelino e no seu estilo preenchido por sons e ritmos.

A resistência de um menino ao futuro que vê traçado para si também é tema de uma história escrita por Italo Calvino, o romance *O barão nas árvores (Il barone rampante, 1957)*, no qual podemos identificar traços de diálogo com “Balé”. Ambientado no século XVIII, em meio a ideias de revolução e tratados filosóficos, igualmente é protagonizado por uma criança, Cosme Rondó, de 12 anos, que rejeita o destino que lhe é reservado. Há um grande contraste entre o futuro visualizado por esses personagens – enquanto o menino de Freire vê pela frente uma vida de trabalhos braçais e poucas oportunidades de manter contato

com a arte, o de Calvino encontra à sua espera o título de barão e a riqueza herdados do pai. Mesmo assim, ambos sofrem por desde cedo serem induzidos a aceitar o que não escolheram, já aprendendo sobre procedimentos de plantação ou etiquetas sociais. A fuga de Cosme foi subir no carvalho do quintal de sua casa e decidir que jamais voltaria a tocar no chão, abrigando-se e transferindo-se entre os galhos da vasta flora local. Essa elevação física é como a do protagonista de “Balé”, que se equilibra sobre uma pedra para sinalizar sua rebeldia ao dançar.

Uma diferença entre os enredos, justificável até pela extensão de cada história, é que o romance calviniano perpassa toda a vida de Cosme, desde o momento em que decide viver nas árvores até sua velhice e velório, enquanto “Balé” cristaliza um momento do protagonista ainda jovem. O narrador de *O barão nas árvores*, irmão do personagem principal, indica em seu relato com o dia exato dos fatos iniciais e oferece várias marcações temporais ao longo da narrativa¹. Por conta da demarcação tão específica de tempo, torna-se possível olhar para o passado, ainda que para rejeitá-lo, como Cosme fazia ferozmente: “Estou me lixando para todos os seus antepassados, senhor meu pai!, o que já anunciava sua vocação de rebelde” (CALVINO, 2014, p. 101). Já o conto de Marcelino Freire identifica-se com a presentificação descrita por Beatriz Resende, não possuindo passado ou futuro, despreocupando-se com datas e lidando com a juventude do personagem como se fosse eterna. O texto todo gira em torno dessa recusa incansável do menino a seu destino inevitável, sendo regido pelas negativas do discurso indireto:

Disse que não, bateu o pé, quer ir embora aqui de Catolé.
Disse que não. Pra que diabo amassar pedra? Não quer ver chumaço de algodão.
Disse que não, não quer rachar a linha da mão nem o quengo.

¹ O romance pode ser identificado como uma ficcionalização histórica, pois dessacraliza importantes figuras históricas, questiona a versão oficial dos acontecimentos e problematiza a pretensa impessoalidade dos registros. Uma análise mais detida no assunto pode ser encontrada na seguinte dissertação: GOMES, Natalia Guerra Brisola. *Ficcionalização histórica e insólito em Os nossos antepassados de Italo Calvino*. 2016. 111p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016. Como o título adianta, nela também se encontra uma discussão sobre a presença do insólito em *O barão nas árvores*, que apresenta traços de leveza.

Disse que não sobe em caminhão.

[...]

Disse que não e não e não.

Não quer sujar o destino desse jeito, o menino. (FREIRE, 2004, p. 33-34)

Cosme também não consegue evitar seu destino e, ao completar dezoito anos, recebe o título de barão transferido do pai, mesmo ainda habitando a copa das árvores. A relação do personagem com os moradores de seu vilarejo se alterna em fases de boa vizinhança e respeito com seus hábitos peculiares e momentos em que se torna motivo de chacota e julgamento: “çaçoavam dele, sim, e muitas vezes havia embaixo da árvore um bando de moleques e desocupados que zombavam dele” (CALVINO, 2014, p. 276). Porém, independente de como seja a receptividade das pessoas, a convicção de Cosme nos valores da liberdade, da natureza e do conhecimento se mantém impassível. Junto às árvores estava sua paixão pela leitura dos mais diversos assuntos, realizada com os livros que encomendava. A única pessoa que aceitou sua escolha de vida sem restrições foi a mãe, mais por conta de um amor resignado de que respeito ao juízo do filho:

O curioso foi que mamãe não teve ilusões de que Cosme, havendo lhe enviado uma saudação, se dispusesse a pôr fim à sua fuga e voltasse ao nosso convívio. Pelo contrário, papai vivia perpetuamente nesse estado de ânimo e toda novidade que dissesse respeito a Cosme, por menor que fosse, o fazia cismar: “Ah, sim? Vocês o viram? Voltará?” Mas mamãe, talvez a mais distante dele, parecia a única que conseguia aceitá-lo como era, exatamente porque não buscava uma explicação. (CALVINO, 2014, p. 134)

A imagem do menino de “Balé” também é protegida apenas por sua mãe, numa atitude condescendente e talvez esperançosa de uma mudança: “Mas comadre tem pena, comadre diz que passa, comadre diz que ele um dia melhora” (FREIRE, 2004, p. 34). Para o narrador personagem, que provavelmente traduzia a opinião popular, as atitudes do jovem eram inaceitáveis e precisavam ser corrigidas com firmeza: “E o pai da criança? Eu pegava uma enxada e dizia assim: cava um buraco, faz uma cerca, pega a faca e corta palma, bate estaca. No instante ele ganhava juízo. A gente nesse fim de mundo querendo viver de luxo” (FREIRE, 2004, p. 34). Além de se recusar a trabalhar, o menino insiste em declarar

sua insatisfação com a vida que levava, o que era visto pelo narrador como uma afronta: “Roga praga, diz que está cheio de contar feijão, de chupar osso de galinha” (FREIRE, 2004, p. 35).

Apesar de insatisfeitos com seus destinos, os protagonistas se distanciam da situação que os cerca sem realizar uma verdadeira ruptura. Cosme vive nas árvores e declara-se liberto das imposições sociais, mas não se afasta por períodos muito longos do vilarejo em que nasceu. Conversa com todos os tipos de trabalhadores, mantém certo contato com a família e por vezes oferece serviços e instruções a quem necessite. É o mesmo movimento compreendido no conceito da leveza, de tomar espaço sem desviar os olhos do problema, para analisá-lo com maior clareza. Como ensina Cosme, “aquele que pretende observar bem a terra deve manter a necessária distância” (CALVINO, 2014, p. 239). Em “Balé”, o narrador entende como vazias as ameaças do menino: “Sabe o que ele fala? Que vai abandonar todo mundo, seguir estrada. Pois olhe: saia, desapareça. Tenho certeza de que ele voltava, arrependido. Fala, fala e fica nisso” (FREIRE, 2004, p. 34-35). Ao pensarmos na presentificação dessa história, vemos que, de fato, o desvencilhamento do menino com seu meio já acontece em palavras e intenções, e permanecerá sendo apenas dessa forma.

Ainda assim, o fato de o menino equilibrar-se sobre uma pedra para dançar acaba colocando-o em um nível físico diferente dos demais, superior, tal como Cosme sobre as árvores. São essas imagens de leveza com valor emblemático. Em *O barão nas árvores*, ocorre mais um grau de elevação no final da vida do protagonista, que se agarra à corda de um balão e some pelos ares. A inscrição de sua lápide descreve sua ascensão: “Cosme Chuvasco de Rondó – Viveu nas árvores – Amou sempre a terra – Subiu ao céu” (CALVINO, 2014, p. 313). No conto “Balé” o menino também é alçado, ainda que de modo figurativo, na fala poética do narrador: “É preciso pisar o chão, cortar a sola do dedo. Mas não. Fica ali, voando. O menino fica voando” (FREIRE, 2004, p. 35). O contraste com o chão e a sola do pé, representantes da realidade bruta e concreta, faz com que a cena de voo assuma um caráter de resistência às imposições sofridas. É suscitada também a ideia de persistência na

repetição de “fica”, indicando permanência, e de “voando”, gerúndio que presentifica o ato.

Outra manifestação da leveza no conto de Marcelino Freire é o despojamento da linguagem. O autor, conhecido pela poeticidade de sua prosa, apresenta uma série de belas metáforas relacionadas à natureza para representar o espírito livre e sensível do menino: “Vive atrás de vento, assobiando. Diz que segue canto de passarinho, que escuta água chover embaixo da terra. Vê só, ele ali na ponta quente da pedra se equilibrando” (FREIRE, 2004, p. 35). Vento, canto de passarinho e barulho de água são sons genuinamente naturais, que orientam os instintos do personagem. É tão profunda e sincera sua ligação com o meio ambiente que dele vem o acompanhamento para sua dança, a música das vidas possíveis. Assim demonstra Natália Moura em *Estética e sombra: margens, imagens e corpo em improvisos de BaléRalé, de Marcelino Freire*, na interessante análise que faz de “Balé”:

A música de seu balé-menor encontra-se na sonoridade pura e imaginativa, no canto dos pássaros, no assobio, no barulho subtelúrico da água. A musicalidade que movimenta o seu corpo transfere aos seus pés equilíbrio e leveza, pés esses que não tocam um chão rígido e sólido que impede a produção de singularidade, mas que fazem surgir diversos devires: devir-flutuante, devir-equilibrista, devir-bailarino. (MOURA, 2016, p. 28-29)

Assim como a música da natureza inspira o menino, este pode incentivar as pessoas à sua volta a olharem além da vida a que estão destinadas. Voltadas ao sonho, à liberdade e à arte, sua fala e sua atitude rompem com a aceitação indiscutível da única faceta de realidade que têm oportunidade de conhecer. É essa a estratégia da literatura de leveza, que busca incitar seu leitor a um pensamento crítico. Cosme de Rondó é um personagem que exemplifica o efeito que o questionamento é capaz de causar em seu meio: após realizar sua própria revolta pessoal ao contrariar os pais habitando nas árvores, informou-se a respeito da Revolução Francesa e de tantos outros movimentos de seu tempo e auxiliou os lavradores do vilarejo a organizarem-se em uma pequena ação contra os cobradores de impostos. Alegre com sua vitória, a comunidade chegou a eleger e decorar sua própria

Árvore da Liberdade, símbolo utilizado pelas resistências da época contra a opressão colonial (CALVINO, 2014, 292).

O conto de Marcelino Freire é uma literatura de leveza por apresentar um protagonista em constante conflito com as circunstâncias que o cercam. Ao falar sobre as ambições do menino, também descreve aquilo com que contrastam, uma realidade simples, de trabalho físico exaustivo e provisões modestas, em que se espera que todos sejam gratos e humildes e, dessa forma, sequer pensem em outras perspectivas. O narrador, que está sempre a criticar as atitudes do menino, encerra a história num julgamento pessimista: “Eu não sei não. Acho que essa desgraça não tem mesmo salvação” (FREIRE, 2004, p. 35). A suspeita de que o personagem jamais se ajustaria às imposições de seu meio traz uma ideia contrária ao tom desanimado em que é proferida, de esperança pela constatação da persistência do menino em sonhar. “Balé” comprova, portanto, a presença de pontos de leveza na literatura brasileira contemporânea, fazendo denúncias, contendo oralidades, demonstrando preconceitos e desigualdades sociais, mas ainda assim valorizando a beleza das construções verbais e impulsionando o leitor à ação e à reflexão.

THE LIGHTNESS DANCE IN MARCELINO FREIRE

ABSTRACT: In the book *Six Memos for the Next Millennium* (1988) we find the literary characteristics that, according to Italo Calvino, would persist amid all the perspective and behavior shifts that could happen from the year 2000 on. Among it is the Lightness, a element responsible for opposing the burden of living. At first sight it looks to counter the contemporary brazilian literature's description: strong, heavy, violent. The following work intends to show, however, that points of Lightness may unveil in our literary productions, using as exemple the story "Balé" (2003) by Marcelino Freire, in which we see a certain dialogue with Calvino's own novel *The Baron in the Trees* (1957).

KEYWORDS: Balé; Calvino; Freire; Lightness.

REFERÊNCIAS

GARCÍA, Flavio. (org.). *A banalização do insólito: questões de gênero literário – mecanismo de construção narrativa*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.

CALVINO, Italo. *Os nossos antepassados: O visconde partido ao meio; O barão nas árvores; O cavaleiro inexistente*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014.

_____. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. 3.ed. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREIRE, Marcelino. *BaléRalé: 18 improvisos*. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. (LêProsa; 2)

MOURA, Natália Oliveira. *Estética e sombra: margens, imagens e corpo em improvisos de BaléRalé, de Marcelino Freire*. 2016. 131f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira na era da multiplicidade. In: _____. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

ROCHA, Sandrielle Aparecida Bueno da. *Narrativa e encenação: um estudo sobre diálogos e monólogos em contos de Marcelino Freire*. 2015. 162f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

SÜSSEKIND, Flora. Desterritorialização e forma literária. Literatura brasileira contemporânea e experiência urbana. *Literatura e Sociedade*, n. 8, p. 60-81, 2005.

_____. Ficção 80: dobradiças e vitrines. In: _____. *Papéis Colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

Recebido em: 31/05/2018.

Aprovado em: 16/07/2018.